



MAUS-TRATOS

Protestos pelo país cobram justiça por morte do cão Orelha. Cachorro passou por eutanásia após ter sido agredido por adolescentes

Amarildo Castro/CB/D.A Press



Divulgação



Em Brasília, evento reuniu cerca de 300 pessoas que cobraram o endurecimento de leis de proteção aos animais. Novas manifestações estão agendadas para hoje pelo país

Nas ruas pelo respeito aos animais

» FERNANDA STRICKLAND
» LUANA PATRIOLINO

Reprodução/redes sociais



Orelha fazia companhia para os moradores e outros cachorros em SC

Indignada com a crueldade e o andamento das investigações sobre a morte do cão Orelha, em Florianópolis, a população foi às ruas, ontem, cobrar justiça pelo bicho. Acompanhadas de seus pets, as pessoas clamaram por responsabilização dos adolescentes envolvidos no crime e endurecimento das leis de proteção animal. Em Brasília, a mobilização ocorreu ao lado do ParkDog, no Sudoeste, reunindo cerca de 300 manifestantes. A “cão-minhada” foi liderada pela Associação ApDog e contou com apoio do Departamento de Trânsito (Detran) e da Polícia Militar, responsáveis pela segurança e ordem do trajeto.

Orelha era um cão comunitário que morava na Praia Brava, Florianópolis, há pelo menos 10 anos. As pessoas do bairro se revezavam nos cuidados a ele e a outros dois cachorros. Em 4 de janeiro, o animal foi agredido e torturado por um grupo de quatro adolescentes, segundo as investigações da Polícia Civil.

O presidente da associação, Ítalo da Silva Araújo, disse que a chuva atrapalhou o protesto, em Brasília, mas o saldo foi positivo. “Está sendo muito legal reunir essas pessoas para essa causa tão importante, que é o fim dos maus-tratos, fim à impunidade contra esses animais”, afirmou.

Segundo ele, a manifestação é motivada pela necessidade de ampliar o debate sobre a proteção animal. Orelha foi torturado por quatro adolescentes e abandonado gravemente ferido. Diante da extensão dos machucados, foi necessária a realização de eutanásia por um médico veterinário. O protetor animal Adriano da Silva declarou que a ideia é pressionar por mudanças na legislação e por punições mais severas. Ele atua há 14 anos em defesa dos bichos.

“O intuito dessa manifestação é

justamente melhorar as leis contra os maus-tratos, acabar com a impunidade, porque, infelizmente, ninguém fica preso por maus-tratos aos animais. Nós estamos lutando por Orelha e por todos os animais maltratados. Não vamos aceitar essa barbaridade aqui no Brasil”, disse.

A consultora financeira Paula Carolina Ribeiro de Souza disse que se chocou com o tamanho da violência contra o animal indefeso. “O que mais impactou foi a forma como ele foi brutalmente morto, de uma maneira cruel, sem humanidade”, afirmou.

Segundo ela, o objetivo do ato foi cobrar providências das autoridades. “A gente veio buscar justiça. Não queremos vingança, só que a justiça seja feita”, disse. Ela também criticou o que considera um cenário de impunidade. “Se há justiça para os menos favorecidos, ela também tem que ser feita para aqueles que têm condição social mais alta”, declarou.

No protesto, Paula estava acompanhada de seu cachorro, Neguinho, adotado há seis anos. A presença dele,

segundo ela, simboliza o vínculo afetivo e a necessidade de respeito aos animais. Ela defendeu o endurecimento das leis de proteção animal e maior responsabilização de infratores. “As pessoas acreditam muito que nada vai acontecer. É preciso mais responsabilidade”, ressaltou.

Os protestos continuam, hoje, pelo país. Em São Paulo, a manifestação está prevista para ocorrer às 10h, no vão do Masp, na Avenida Paulista. A expectativa é reunir ativistas da causa animal, moradores e representantes públicos. No Rio de Janeiro, o ato está agendado para 16h, com concentração marcada na altura do Posto 2, em Copacabana, na Zona Sul. Em Belo Horizonte, o encontro está marcado para começar às 10h, na Feira Hippie.

O caso

Em 16 de janeiro, os adolescentes, ligados a famílias influentes de Florianópolis, foram apontados como responsáveis pela agressão. Eles foram identificados a partir de imagens de câmeras de segurança

e relatos de moradores. Na semana passada, a Polícia Civil de Santa Catarina realizou uma operação para cumprir mandados de busca e apreensão por maus-tratos e coação no curso do processo.

Além dos jovens, três adultos — parentes dos investigados — foram indiciados sob a acusação de intimidarem testemunhas. Dois dos suspeitos viajaram para os Estados Unidos após o crime, mas voltaram ao Brasil. Eles deverão ser ouvidos pelas autoridades nos próximos dias. Os quatro adolescentes suspeitos também são apontados por tentar afogar outro cão no mar.

Um adolescente, que teve imagem associada à morte do cão Orelha, comprovou que não possui envolvimento no caso e deixou de ser investigado pela polícia. Segundo a Delegacia de Proteção Animal de Santa Catarina, responsável pela apuração, o jovem — inicialmente apontado como suspeito — é inocente e passou à condição de testemunha.

Em nota, a corporação informou que ele “não aparece nas imagens analisadas pelas equipes de investigação, em que pese tenha sido mencionado inicialmente” como um dos suspeitos. “A Polícia Civil destaca ainda que segue com o trabalho de apuração de ato infracional envolvendo adolescentes suspeitos de maus-tratos, além de outros delitos”, afirmou a instituição.

A família apresentou evidências de que o adolescente não estava na Praia Brava no período relacionado às demais ocorrências sob investigação. O pai do menino declarou que o filho “nunca viu” Orelha. Em entrevista à RecordTV, o homem disse ter ficado “perplexo” ao saber que o jovem era alvo da investigação. “Quando soube, fui acordá-lo e falei: ‘Teu nome está sendo citado’. Ele respondeu: ‘Pai, é impossível, eu nunca vi o cão Orelha’”, contou.

» Leia mais sobre o assunto na página 15



O intuito dessa manifestação é justamente melhorar as leis contra os maus-tratos, acabar com a impunidade, porque, infelizmente, ninguém fica preso por maus-tratos aos animais. Nós estamos lutando por Orelha e por todos os animais maltratados. Não vamos aceitar essa barbaridade aqui no Brasil”

Adriano da Silva, protetor animal

Veja os mais recentes ataques a cães pelo país

Santa Catarina — Orelha

Orelha tinha 10 anos e era um cão comunitário que vivia na região da Praia Brava, em Florianópolis. Neste mês, ele foi encontrado gravemente ferido, agonizando, e morreu durante atendimento veterinário que tentava reverter o quadro clínico causado pelas agressões.

São Paulo — Cachorro comunitário

Cãozinho foi morto com 10 tiros na zona leste de São Paulo em 18 de janeiro. Caso ganhou notoriedade após repercussão após uma câmera de segurança registrar o momento em que um homem atira contra o animal no bairro Jardim Três Marias.

Interior de São Paulo — Cachorro comunitário

Um cachorro foi encontrado morto com ferimento à bala, em 30 de janeiro, em Boa Esperança do Sul, no interior de SP. O animal tinha uma marca de perfuração à bala no pescoço.

Paraná — Abacate

Um cachorro comunitário conhecido como Abacate morreu em 27 de janeiro após ser baleado em Toledo (PR). População levou o bicho a um hospital veterinário particular, onde ele passou por uma cirurgia de emergência, mas ele não resistiu aos ferimentos e morreu.

Rio Grande do Sul — Negão

Um cão chamado Negão foi baleado por um policial militar na noite de 27 de janeiro, em Campo Bom, no Vale dos Sinos, a cerca de 55 km de Porto Alegre. O episódio foi captado por câmeras de segurança.

MINAS GERAIS

Caso Alice: menina autista é encontrada

» MARIANA COSTA

A menina Alice Maciel, de 4 anos, que estava desaparecida desde 29 de janeiro, na Zona Rural de Jeceaba, Região Central de Minas Gerais, foi encontrada com vida na tarde de ontem. O Corpo de Bombeiros informou que a criança está com a família, mas não deu detalhes sobre onde ela foi encontrada nem sobre o estado de saúde dela.

Desde a comunicação do seu desaparecimento, foi montada uma força-tarefa, composta por bombeiros, policiais militares e voluntários, para encontrá-la. Ao todo, 38 bombeiros e dois cães especialistas em buscas participam da operação. Emocionada, a mãe da menina, Karine, 24 anos, contou que saiu para trabalhar e deixou a filha sob os cuidados da avó em um sítio, devido ao período de

férias escolares. Em um momento de distração, a criança teria fugido em direção a uma área de mata.

“Em cerca de 10 minutos, quando ela percebeu que Alice não estava mais por perto, me liguei. Na hora, acionamos a polícia”, relatou a mãe. Assim que soube do desaparecimento, Karine retornou às pressas para a região e ficou acompanhando as buscas.

Dias antes, Karine publicou um

vídeo nas redes sociais implorando pela volta da filha. Ela informou que a menina é autista, necessitando, portanto, de cuidados especiais. “Por favor, ela é uma criança autista, não verbal, ela não sabe se comunicar, toma remédio controlado. Ela já está há mais de 24 horas sem o remédio dela, até mesmo com o medicamento ela fica agressiva. Ela não consegue viver sem mim e a minha família

cuidando dela”, disse.

Segundo o Corpo de Bombeiros de Minas, o desaparecimento da menina foi percebido por volta das 14h30. As buscas começaram com o apoio de moradores da comunidade, cerca de 97 voluntários, e, posteriormente, também foram acionadas equipes da Polícia Militar, Defesa Civil e Polícia Civil. Ao todo, 21 militares dos bombeiros atuam na operação, com cinco guarnições coordenando os trabalhos.

As equipes fizeram rondas noturnas com cães farejadores treinados

para odor específico. Os animais indicaram uma possível trilha em uma área de mata que se estende até uma estrada próxima à residência da avó, local considerado o último ponto onde Alice teria sido vista.

Drones com câmeras térmicas também foram utilizados para varrer a região, mas sem sucesso até o momento. As buscas são realizadas em equipes mistas, formadas por bombeiros e voluntários, com apoio de grupos especializados como o Busca com Cães (Pebresc), Busca Especializada (PBS) e Busca Especializada (PMAD).